



Jalan jalan

Uma leitura do mundo

Afonso Cruz







Prefácio

A viagem é uma ponte para o desconhecido. Um encontro com o olhar estrangeiro, um olhar onde, afinal, fulge a mesma ânsia e que é turvado pelos mesmos medos que o nosso próprio olhar... Por um instante, é como se fôssemos nós, do outro lado do espelho.

Viajar só escava em nós um profundo poço. Se, por um lado, a profundidade que ressuma do quilate dessa solidão amplifica a intensidade da nossa percepção, por outro, aumenta a dimensão da «bagagem» interna que trazemos de torna-viagem. O regresso deste viajar, deste *Jalan jalan*, é como banharmo-nos numa cascata por onde se derrama uma cornucópia de sensações e saberes multicolores, de perguntas que nos acordam e clarividências que nos fazem pressentir harmonias com outras dimensões.

O estado de disponibilidade intrínseca, que neste livro é descrito como um «voltar à infância» e como maneira de alcançar a maturidade, é uma forma de viajar nu de preconceitos e ao mesmo tempo em si próprio, inteiro. Para isso, é preciso ser-se capaz de um despojamento completo, qualidade apanágio dos grandes viajantes... Mais do que o olhar, é a visão lúcida e preñhe de humanidade que faz de Afonso Cruz um viajante de longo curso.

Em hindi, *Safarnama* significa escrever sobre viagens. A pulsão da viagem está intimamente ligada com o que de mais profundamente define o ser humano, a curiosidade e a busca de si mesmo. Viajar é levar a nossa solidão a passear... mas é, também, insuflar o nosso mundo com novos mundos...

Se é verdade que a viagem tem uma ligação profunda com o dia do regresso, o retorno nunca é uma linha fechada com o que foi. Este espiralar da consciência pode resultar do calcorrear de muitos caminhos e da imersão noutras culturas mas também pode advir da exploração das zonas «em branco» do nosso mapa interior,

um navegar por estados de alma. Lembro-me da grande viagem estática, patente na *Viagem à Volta do Meu Quarto* de Xavier de Maistre.

Contudo, a exegese desta obra está muito para além de um livro de viagens. Aqui há toda uma discussão cosmogónica, uma crítica vibrátil ao saber estabelecido, que tanto o pode reconstruir de forma mais sólida como o pode fazer vacilar de forma perigosa.

Este livro é um convite a pensarmos pela nossa própria cabeça, a avaliarmos a solidez dos argumentos que sustentam muito do que é considerado de «pedra e cal», é de um frescor e de uma pertinência avassaladores neste tempo em que o mundo enfrenta águas revoltas e sombrias. A importância do indivíduo na certificação do saber e o apelo à sua coragem para tudo entender constitui um exercício de cidadania e um retorno à matriz mais pura da democracia. Claro que dói entender o entretecer do espaço-tempo do Cosmos, aterroriza perdermos a noção de causalidade na Mecânica Quântica ou desorienta a forma diferente como infla o tempo em diversos sistemas, mas... «é pela ferida que entra a luz».

Se a abordagem universalista deste livro atesta a natureza múltipla e complexa do autor, esta viagem, pela mão de Afonso Cruz, é também a possibilidade de encontro com almas belas, como Rumi, Tanizaki, Borges e muitos, muitos outros, e com as pérolas de pensamento, de poesia, de humanidade... que a sensibilidade ou a argúcia do escritor desentranharam e que nos oferece, como especiarias que nos vão ajudar a potenciar e a saborear a caminhada da nossa própria vida.

Quantas vezes nos sentimos embotados pela previsibilidade e pela rotina... fruto da letargia que se abate sobre o sedentário... Viajar requer todos os sentidos alerta... sair da zona de conforto leva ao despertar da consciência. A voragem da vida e a monotonia da escorrência do tempo podem desbotar a unicidade da nossa existência na mole da grei, atenuar a nossa singularidade no Universo. É preciso desenraizarmo-nos e soltar as amarras, voltar a sentir o abismo da nossa solidão, gritar a nossa mónada e seguir o vento... enfim, existir. É este convite à vida que perpassa todo este livro.

Andar, andar sem fim, pode conduzir ao transe da viagem. Os bosquímanos do Kalahari atingem estados alterados de consciência como consequência das grandes caminhadas que efectuam. Romeiros

e peregrinos relatam também o êxtase que alcançam frequentemente ao longo dos seus périplos. É bem conhecido o antigo adágio iniciático de que o «caminho faz-se a caminhar». Lembro também outro adágio, desta vez de Santo Agostinho: «Não faças demasiados planos para a vida, porque podes estragar os planos que a vida tem para ti». Aqui, quase podemos antever o mundano Sancho Pança e o etéreo Dom Quixote a caminhar para a estalagem sob forte tormenta. Às sucessivas queixas do fiel escudeiro, retrucou Dom Quixote: «Sancho, o importante não é chegarmos à estalagem... o importante é irmos a caminho da estalagem.»

Como bem o entendo... O dia mais importante da viagem é o dia da chegada.

Nas minhas viagens, tenho o hábito de, no último dia, enviar um postal para mim próprio que invariavelmente começa com um: «Olá, eu...», talvez para que o eu que eu era possa integrar o eu transformado que regressa.

Este livro é feito de várias histórias e textos que se cruzam e interpenetram, o seu conceito de identidade remete-nos para uma das cidades descritas por Italo Calvino em *As Cidades Invisíveis*. Nessa cidade, os habitantes, nas suas idas e vindas dos seus afazeres quotidianos, iam desenrolando uma meada de fio de lã, sempre que se cruzavam com alguém cruzavam os fios que cada um levava, e assim ao longo dos anos. Muito tempo depois, a cidade ficou deserta, mas o emaranhado dos seus fios entretecidos continuava a juncar toda a cidade e, dessa forma, a identidade do que fora a cidade, a sua cultura e história continuavam perenes e bem vivas neste mundo... Assim é para mim este livro.

Percorrer as páginas de *Jalan jalan* é como percorrer uma escadaria de Escher em que vários lanços de escada se entrecruzam, mas sempre em níveis diferentes... como que espiralando níveis de consciência. Em que nada é absoluto e tudo é relativo.

PEDRO MOTA
Astrofísico e viajante



Pai-Nosso para casamento hindu

Num aeroporto em Nova Iorque, umas freiras brasileiras pediram-me que as ajudasse a carregar as malas. Ajudei de pronto e rapidamente se percebeu que elas, as irmãs, teriam outro tipo de problemas: não falavam uma palavra de inglês, nenhuma das sete. Estavam apenas em trânsito, mas eram obrigadas, apesar disso, a pedir um visto e a preencher os respectivos papéis. Iam de Roma para São Paulo.

Fui ajudando como podia, preenchendo papeladas, traduzindo isto e aquilo. Mais de três horas com burocracias, perguntas e carimbos.

O funcionário da alfândega era um jovem indiano, sem grande fluência no inglês. Com ele trabalhava uma rapariga, também indiana. Passado pouco tempo, ele confidenciou-me:

— Quero casar com ela, mas os pais não deixam. Castas diferentes. Gostaria que pedisse às freiras o favor de rezarem por mim, para que nos possamos casar, eu e ela.

Acedi, pois achei que aquele era um projecto com algum relevo: levar um deus profundamente católico a realizar um casamento hindu. Pedi então às religiosas, depois de explicado o caso, para intercederem junto do Criador do Universo a favor do empregado da alfândega. As freiras ouviram-me com atenção, todas juntas à minha volta, enquanto eu lhes traduzia a petição.

— Mas ele também tem de rezar, não somos só nós — disse uma delas, a mais velha.

Comuniquei, então, ao futuro noivo, que o Senhor Deus gostaria de ouvir também as suas preces, que só as orações das freiras não chegavam.

— Isso não é problema nenhum. Vou muitas vezes rezar a igrejas — disse-me ele.

Perguntei-lhe se não era hindu.

— Sou, mas rezo em qualquer templo. Deus está em todo o lado. Às vezes vou a pagodes, às vezes a mesquitas, outras a igrejas.

Fui ter com as freiras, satisfeito com a resposta. Tudo parecia resolvido, agora era só rezar e esperar a intervenção dos Céus. O jovem casal estava esperançado.

— Não chega que reze — disse a mais velha das irmãs —, tem de se converter.

As outras freiras, no entanto, estavam contentes com o acordo: elas rezariam por um lado, ele por outro; far-se-iam ouvir. A excitação tomou conta delas, falavam ao mesmo tempo, sobrepunham as vozes, riam e acenavam para os futuros marido e mulher. A irmã mais renitente reconsiderou a sua posição, sem deixar de insistir:

— Nós vamos rezar por eles, para que se casem. Mas diga-lhe que tem de se converter. É melhor.

O funcionário hindu agradeceu quando lhe dei a notícia. Os trâmites necessários para que o Eterno tomasse esse casamento em consideração haviam sido tratados. Os outros, os da alfândega, também estavam resolvidos, por isso despedimo-nos do casal de indianos. Estava toda a gente feliz, tudo cheio de sorrisos.

De uma das janelas do aeroporto, vimos chegar o avião que levaria as freiras a São Paulo. A irmã mais velha reparou no nome da aeronave: *Nossa Senhora Aparecida*.

— Eu não vos disse? A mãe de Deus está sempre a velar por nós, tem estado sempre connosco desde o início da viagem. Até nos enviou um anjo — referia-se a mim e agarrava-me pelo braço — para nos ajudar.

Da mala, tirou uma medalhinha de Nossa Senhora:

— Foi benzida pelo Papa — esclareceu a freira enquanto ma oferecia.

\ VER \ MEIO-ANJO 86 \ UM POUCO ANTES PODE SER MELHOR 70 \ TROCA DE ACENOS COM DEUSA HINDU 285 \ O MUNDO, DIZEM, É UM LIVRO 453

As orientais que caem

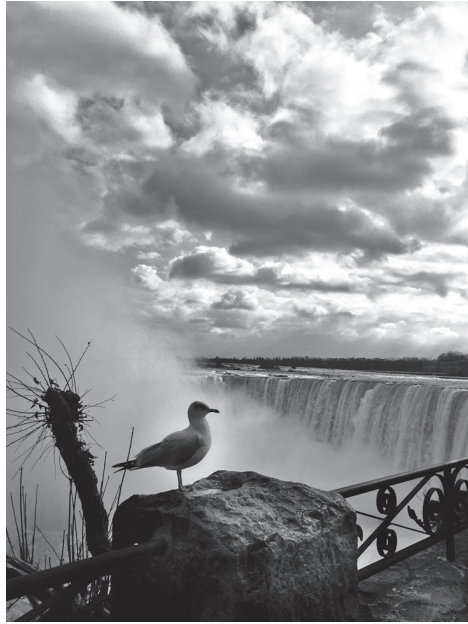
Ao visitar as cataratas do Niágara, cujo cenário urbano é uma feira com *king kongs* e casas assombradas e hambúrgueres e super-heróis e *pizzas* e *donuts*, vi uma mulher sentada nas grades que davam para o abismo, em equilíbrio precário, a posar para uma foto, e comentei sobre o risco envolvido. Disseram-me que de facto acontecia caírem, que era frequente, especialmente «as orientais, que são as que caem mais». A necessidade de nos imiscuirmos na paisagem, na geografia, no mundo, de impor assim a nossa imagem, de rasgar o tronco de uma árvore com o nosso nome, é prevalecte em todas as culturas e é uma atitude de resistência à morte e à indiferença, ao olvido. Nem sempre as fotografias que tiramos sujam a paisagem com a vaidade, porque não é somente de vaidade que normalmente se trata, há buracos profundos numa atitude destas. Aparecer e ser testemunhado é fundamental para existir, para garantir uma assiduidade no mundo real e virtual, como quem pica o ponto e assim assegura uma presença no trabalho, mas devemos acrescentar que o cenário muda tudo, dá-nos alguma importância e dignidade, amplia a nossa dimensão. Não só existimos, como existimos em lugares imponentes, fazemos parte da mesma paisagem, pisamo-la com a nossa cara, com um sorriso, deixamos pegadas. E, para isso, corremos riscos, os riscos necessários para garantir uma existência que vai além da rotina e da banalidade, que não é só trabalhar das

nove às cinco e ir a reuniões de condôminos e desparasitar o gato, pelo contrário, é ter a certeza de que somos parte da grandiosidade do universo, é provar que temos importância, que não servimos para sermos pisados, e, se cairmos, será como a água das cataratas do Niágara.

Manuel Marsol e Carmen Chica, em *O Tempo do Gigante*, uma história delicada, com ilustrações lindíssimas, mostram-nos como uma marca que um gigante faz numa árvore é essencial para compreender a sua história e a passagem do tempo, com tudo o que lhe é inerente. Essa marca, as garras que ferem uma árvore são um testemunho de vida, de crescimento, e essas cicatrizes que vamos deixando nas coisas, nas pessoas, parecem ter uma tenacidade, uma durabilidade que nos prolonga, nos mantém, nos eterniza.

Não há virtudes simples, isoladas, e em certos contextos o que antes era virtude facilmente se converte em vício. E vice-versa. A vaidade é também uma luta épica contra a efemeridade, contra a morte, e não é de todo um simples defeito de carácter. Face a um destino inelutável, lutar é uma forma de coragem, de não desistência, de resistência. Por mais básica ou simplória que possa parecer uma fotografia com cataratas por trás, revela uma pulsão humana, biológica, trágica e bela, de perpetuação e luta, um sinal de que temos importância, por mais simples que seja a nossa vida ou por mais que sejamos desprezados. Tirar uma fotografia com as cataratas do Niágara poderá ser visto como uma superficialidade vaidosa ou pobreza de espírito, mas é na verdade, na sua essência, a representação da vida, da sua luta pela permanência, a batalha perdida contra o esquecimento, contra o desprezo

a que o futuro inevitavelmente nos condenará. E isso é tão importante que se arrisca a vida, aquilo que com esse mesmo gesto se pretende prolongar ou conservar, numa atitude de conquista da paisagem, de ousadia, rasgando-a com as garras da nossa presença, provando que as orientais que caem são uma imagem perfeita da glória de resistir quando sabemos que tudo está perdido.



\ **VER** \ **ABISMO 644** \ **ROTINAS 49** \ **BATALHAS 450** \ **TEMPESTADE DE AREIA SEM MÁQUINA 172** \ **AS PORTAS DAS CASAS DE BANHO 186** \ **ESTE LADO DO PARÁISO 256** \ **VOLTAR SEMPRE 413**

